



MULHERES DO BEM DIZER E DO BEM VIVER

Women of blessing and living well

Lidia Mejia*

Vera Margarida Lessa Catalão**

Universidade de Brasília (UNB)

DOI: 10.29327/256659.15.2-2

RESUMO

O objetivo do presente artigo é refletir sobre o processo educativo do saber tradicional do ato de benzer nos dias atuais. Para isso, são apresentadas diferentes formas de resgate, aquisição e transmissão dos saberes tradicionais, além de processos ecopedagógicos na prática do benzimento, articulados com a literatura sobre ecologia dos saberes, ética do cuidado e filosofia do Bem Viver. O trabalho é resultado de revisão bibliográfica, pesquisa participativa e entrevista semiestruturada com duas mulheres benzedeadoras da Escola de Almas Benzedeadoras de Brasília (DF). Assim, foram identificadas as possíveis convergências entre as perspectivas teóricas e as práticas presentes nas narrativas dessas mulheres para compreender como esse saber se constituiu em suas vidas e culminou em práticas de educação ambiental em bases ecopedagógicas favoráveis à sustentabilidade social, cultural e ambiental do bioma Cerrado.

Palavras-Chave: Benzedeadoras; Saberes tradicionais; Ecopedagogia do cuidado; Bioma Cerrado.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (PPGE/FE) da Universidade de Brasília (UnB) na área de Educação Ambiental e do Campo. E-mail: lydiamejia@hotmail.com.

** Professora na Universidade de Brasília (UNB) e diretora de educação do Instituto Calliandra de Educação Integral e Ambiental, com mestrado em Educação pela Universidade de Brasília, doutorado em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII e pós-doutorado na Faculdade de Educação da USP. E-mail: veramcatalao@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Embora tenham sido alvo de perseguição pela Igreja Católica por considerá-las atos de bruxaria, curandeirismo (Luz *et al.*, 2019, p. 1), especialmente aquelas oriundas dos povos originários, as práticas de benzimento ocorrem no país desde antes de sua colonização portuguesa, tendo inclusive sido reconhecidas, no período imperial (século XIX), como um ofício de cura e cuidado dos males físicos e espirituais dos brasileiros.

Atualmente, o cenário é outro: diante dos vínculos religiosos que as/os praticantes têm com o catolicismo, “a benzedura vem sendo compreendida como práticas de cura das doenças físicas espirituais alcançadas através da fé e abençoadas por Deus” (Luz *et al.*, 2019, p. 1). Isso fez com que as/os praticantes passassem a perceber esse saber não como um saber histórico de transmissão oral, mas como um “dom de cura, pois as suas rezas curam” (Santos, 2009, p. 31). Com esse entendimento, as práticas do benzimento se expandiram por todo o território nacional, atendendo à demandadas populações rurais e urbanas por mestras e mestres desse ofício, que reproduzem saberes tradicionais da cultura popular brasileira e do pluriverso cultural latino-americano.

Conquanto o ofício de benzer não se restrinja às mulheres (Casculo, 2001, p. 587), Santos (2009) afirma que, em geral, são elas que o praticam acionando um amplo hibridismo religioso para recuperação do equilíbrio físico, emocional e espiritual das pessoas que as procuram. Para benzer, utilizam elementos da natureza (ramos verdes, água, óleos, pedras) e outros objetos simbólicos (terço, linha e pano), além do movimento do próprio corpo (palavras, orações e gestos).

Embora em algumas localidades as mulheres que benzem recebam a denominação de rezadeiras ou benzedoras, neste trabalho optamos pelo uso de *benzedoras* pela interface com a Escola de Almas Benzedoras de Brasília, núcleo de disseminação dos saberes tradicionais das mulheres aqui entrevistadas.

Para compreender como se constitui a trajetória formativa das mulheres benzedoras, vejamos os sentidos da palavra e do ato de benzer. A palavra *benzer*, originada do latim *benedicere*, isto é, bem dizer/bendizer, assume distintos significados no exercício desse saber-fazer ancorado na cultura ancestral, como veremos adiante. Segundo Quintana (1999), a benzedura pode ser qualificada como um exercício principalmente terapêutico.

Muito embora a filosofia popular afirme que as detentoras desse saber-fazer já *nascem feitas por seus dons*, a construção desse conhecimento, na verdade, se faz ao longo da vida, podendo ter tido início na infância, no núcleo familiar consanguíneo ou comunitário. Certo é que as mulheres benzedeiros são pessoas dotadas de conhecimento notório, reconhecidas entre seus pares e por sua comunidade e pelas pessoas que as procuram para serem benzidas.

Nos espaços de educação popular, a construção do conhecimento sobre saberes tradicionais acontece em ambientes educativos que conferem às benzedeiros autonomia na transmissão desse conhecimento, integrante da constituição identitária, ética e cultural dos territórios que partilham de forma viva, harmônica e cuidadora. Distinta do processo homogeneizante da produção de conhecimento na educação formal, a assimilação do conhecimento nesses espaços advém do diálogo entre as/os integrantes, que desperta o desejo genuíno de busca desses saberes e renova o senso de pertencimento comunitário.

As mulheres benzedeiros integram um grupo muito especial de pessoas, detentoras de conhecimentos do universo particular de cura e cuidado envolvendo plantas, orações e gestos, em estreita relação com o sagrado e a natureza. E assim cuidam da vida de suas comunidades. Essas mulheres obtêm os seus saberes numa lógica distinta da produção de conhecimento para o mercado; os saberes delas fazem parte do patrimônio de tradições de transmissão oral, forma como são defendidos, conservados e atualizados na contemporaneidade.

Nascidas em distintos territórios e biomas brasileiros, as mulheres benzedeiros desenvolveram amplo e profundo conhecimento do uso das palavras, das plantas e do ciclo da vida para cura e cuidados do mundo físico e subjetivo. Na transmissão de seus saberes, utilizam o universo simbólico do lugar em que se encontram.

Nesse percurso formativo, a construção dos saberes se dá na interação contínua entre corpo, mente, natureza e cultura. É no corpo, porém, que se dão as sensações, a mediação com o sagrado, onde se abrem espaços de exposição de sentimentos, afetividades, que permitem ser tocados pelas vivências articuladas às territorialidades. Para melhor entender, tomamos a abordagem de Miranda (2014, p. 69-70) sobre a dimensão da categoria *corpo-território*,

[...]a qual propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias.

Em seus corpos-territórios, essas mulheres carregam a natureza e os ritmos das localidades e das experiências que os habitam, interconectando o sagrado (objetos, imagens, rezas), os elementos da natureza (água, galhos, ramos, plantas medicinais, fumaça, penas, óleos, pedras, aromas) e o uso da voz em palavras ditas, escuta sensível e silêncios, conjunto que confere singularidade aos atos de cuidado com seres vivos e não vivos presentes nas práticas do benzimento e mostra um jeito diferente de ser e estar no mundo.

Os saberes das mulheres benzedeadas estão imbricados numa existência resistente aos processos modernizadores dos territórios que habitam, sejam no campo, sejam nos centros urbanos. Seus corpos-territórios são marcados pelos registros históricos dos povos originários, afrodescendentes e europeus.

A visão homogeneizadora e unidimensional da modernidade atual compromete a sobrevivência e a reprodução dos ciclos da vida e da sociodiversidade cultural, provocando relações sociais assimétricas. No intuito de dar continuidade à prática e perpetuação de seus saberes, essas mulheres elaboram estratégias de resistência, se organizam e se integram aos movimentos ambientalistas e outros grupos tradicionais para salvaguardar os saberes e fazeres ancestrais. A partir das estratégias de resistência, estabelecem estratégias de insurgências, que, segundo Catherine Walsh (2017), têm o propósito de intervir e transgredir o social, o cultural, a política e, principalmente, o conhecimento hegemônico mercantil, marcado pelo individualismo e competitividade.

O resgate das práticas das benzedeadas é uma estratégia de insurgência que se configura em transformar seus corpos-territórios em processos pedagógicos. Essa forma de construção do saber lhes permite estabelecer vínculos e representatividade junto a outras comunidades tradicionais, sociedade civil e movimentos de proteção ambiental, entre outros, caracterizando-se assim em estratégias epistêmicas e políticas.

Atualmente, tais estratégias vêm lhes proporcionando novas alianças políticas com a participação em seminários e oficinas, onde levam consigo sua pedagogia corpo-territorial. Assinale-se que tem havido paulatina presença dessas mulheres e seus saberes em espaços

escolares, centros de saúde, instituições de pesquisa. Isso ajuda a ampliar e consolidar a rede de saberes tradicionais por promover o diálogo intercultural com o campo científico. Nesses encontros, as mulheres benzedoras descolonizam o conhecimento, afirmam, nas articulações e trocas, suas próprias epistemologias ancestrais, que resultam numa ecologia dos saberes articulada com novas epistemologias do Sul (Santos, 2010).

A pedagogia própria das mulheres benzedoras contribui para autodeterminação e auto-organização, incentiva o autocuidado, o cuidado como outro e com a vida que habita o planeta e o Cosmo. Essas mulheres avançam para além da resistência e sobrevivência com seus processos insurgentes; elas promovem abertura para uma reflexão com o cuidado da vida planetária e cósmica, que dialoga com a perspectiva do bem viver, referendada em suas práticas ecopedagógicas do cuidado.

A expressão “bem viver”, *sumakkawsayou suma qamañaou ñandereko*, de origem andina, se caracteriza como *modus vivendi* baseado na cosmovisão dos povos originários, e pode ser um referencial para sustentabilidade da vida planetária e para construir outros tipos de sociedade assentados em uma convivência harmoniosa entre os seres humanos e natureza, a partir do reconhecimento da pluralidade de valores culturais existentes no planeta (Acosta, 2016, p. 24-25).

METODOLOGIA

Nosso objeto de análise é a trajetória formativa de Maria Bezerra e de Ana Clara, ambas da Escola de Almas Benzedoras de Brasília, tendo como suporte a pesquisa de campo realizada, de cunho qualitativa. As narrativas aqui apresentadas foram obtidas através de entrevistas semiestruturadas, a partir do método de história oral. Segundo Alberti (2013, p. 32), “a história oral, como um todo, decorre de uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido”. Por esse entendimento, as entrevistas individuais de pessoas pertencentes a grupos produzem narrativas que expressam experiências de vida e visões invisibilizados pela história hegemônica.

Assim, buscamos repertoriar os encontros e distanciamentos vividos pelas protagonistas em suas travessias percorrendo estados, cidades, comunidades, biomas, paisagens e

rios, e que, posteriormente, na rememoração das experiências desses e nesses deslocamentos confluíram para a constituição das suas trajetórias formativas e dos seus atendimentos das rodas de benzimento da Escola.

A transmissão dos saberes dessas mulheres revela o caráter ecopedagógico de ressignificação da vida cotidiana, foco na promoção da vida e conteúdos relacionados com vivências, atitudes e valores. Segundo Gadotti (2001), a ecopedagogia promove a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana como prática de auto-heteroformação e educação sustentável voltadas para a preservação das memórias indenitárias, sustentabilidade local e planetária.

O embasamento teórico que orienta esta investigação articula-se com a perspectiva da ecologia dos saberes proposta por Boaventura de Sousa Santos (2010). Para tanto, buscaremos as convergências entre as abordagens teóricas e os conceitos presentes nas narrativas das mulheres benzedeadas entrevistadas, para compreender como a transmissão de seus saberes contribuem para a sustentabilidade social, cultural e ambiental do bioma Cerrado.

Em relação aos saberes dessas mulheres, destacamos especialmente aqueles vinculados ao uso de elementos da natureza (plantas, água, terra, óleos, fumaças, pedras), que compõem as práticas de cura e cuidado da medicina popular. O saber ambiental não é exclusivo da biologia e da ecologia, não diz respeito apenas ao saber sobre o ambiente e suas externalidades, “mas da construção de sentidos coletivos e identidades compartilhadas, que formam significações culturais diversas na perspectiva de uma complexidade emergente e de um futuro sustentável” (Leff, 2009, p. 21).

Os saberes tradicionais de cura e cuidado com a vida estão presentes em diversos povos que compõem a diversidade cultural. Sobre a filiação religiosa das benzedeadas no Brasil, Santos (2007) afirma estar associada à religião católica por utilizarem orações e símbolos próprios do catolicismo em suas bênçãos. No entanto, devido ao sincretismo religioso no país e pelo fato haver benzimento em outras matrizes religiosas provenientes dos povos originários, africanos e europeus, termina por agregar o hibridismo religioso e a diversidade cultural brasileira. Há inclusive benzedeadas que não professam qualquer religião, que benzem de diversas formas em distintos lugares e públicos, importando apenas que se estabeleça conexão com o sagrado em prol de um equilíbrio energético de cura, para aliviar o desconforto daqueles que as procuram.

Leonardo Boff (2005) recorre ao cuidado como categoria matriz para enfrentar a atual crise ecológica e civilizacional, inspirando um novo acordo entre os seres humanos e uma nova relação destes com a natureza. Propõe uma ecopedagogia do cuidado como caminho para resgatar a razão sensível, cordial, incorporando princípios básicos da ecologia, apreciando e conhecendo a comunidade da vida (Boff, 2012).

Fundada em 21 de abril de 1960, concebida arquitetonicamente como modernista, a capital federal guarda a singularidade do encontro da modernidade coma tradição. Seus primeiros habitantes trouxeram na bagagem os saberes das culturas tradicionais, entre eles as práticas de cura e cuidado que inclui o ato de benzer. Nas diversas regiões administrativas de Brasília, encontram-se benzedeadas que praticam esse saber desde a infância ou que despertaram o interesse por ele ao longo da vida.

Uma das iniciativas dessas mulheres foi conceber a Escola de Almas Benzedeadas de Brasília, de educação popular. A Escola transita por diversos territórios do bioma Cerrado sempre que suas integrantes se encontram e fazem rodas de benzimento e outras atividades formativas da Escola. Nesses momentos, intercambiam e perpetuam saberes tradicionais como o ato de benzer. A Escola promove formação aberta a todas/os interessadas/os nas práticas de cura e cuidado que configuram o ofício do benzer.

Inspiradas pela Mãe Terra e a cosmovisão do bem viver, suas integrantes participam de encontros com povos originários, quilombolas, benzedeadas, parteiras e raizeiras do bioma Cerrado, intercambiando com elas/es saberes populares da cultura tradicional. Suas práticas de cura e cuidado se desdobram para além dos atendimentos, se expandem na realização de trabalhos comunitários e participação nos movimentos ambientais e culturais, em prol da perpetuação do saber-fazer tradicional do bem dizer e do bem viver.

TRAJETÓRIA FORMATIVA DE MARIA BEZERRA: A GUARDIÃ DA ESCOLA DE ALMAS BENZEDEADAS

A primeira entrevista de história oral realizada com Maria Bezerra (MB)¹ narra sua trajetória formativa que se inicia na infância. Ela afirma que sempre desejou seguir o caminho do benzimento e criou, junto com outras sete mulheres benzedeadas, a Escola de Almas Benzedeadas de Brasília.

¹ Quando da citação de entrevistas de Maria Bezerra, usaremos (MB, 2022).

Maria, como é chamada, é uma mulher de meia-idade, cabelos curtos, estatura mediana, voz suave, olhar acolhedor. É filha de mãe baiana e pai pernambucano, que migraram para a cidade do Rio de Janeiro e Maria veio junto ainda no ventre da mãe. Conta: “Eu fui a única que nasci no hospital, na Santa Casa de Misericórdia. Meus irmãos nasceram com parteira em casa” (MB, 2022). Teve infância humilde, mas alegre, solidária no convívio familiar, comunitário, singularizada pelas brincadeiras coletivas ao ar livre, em contato com a natureza.

Morávamos todos juntos, inicialmente com minha avó, minha tia [...] e depois meu pai alugou uma casinha num outro bairro [...] cheguei lá com 5anos até os 18mais ou menos, a gente ficou ali [...] onde a gente teve uma infância com muitos amiguinhos, brincadeiras na rua. Foi uma infância muito alegre, divertida. Éramos muitas crianças nessa rua [do bairro] e brincávamos todo tipo de jogos de rua, brincadeiras de meninos e meninas [...] esconde-esconde, piques de toda qualidade, e a gente fazia campeonatos [...] havia muitos terrenos baldios [...]tinham árvores e mato. A gente costumava brincar de guerrinha de mamona (MB, 2022).

Nessa comunidade, relembra do Sr. Teófilo, um vizinho mais velho, fabricante de gaiolas e umbandista, e da filha dele, professora; os dois muito afetuosos com as crianças do bairro.

Ele sempre dava uns pedaços de madeira pra gente que sobrava lá da fabricação de gaiolas e, com essas madeiras, os meninos faziam pipa e a gente até usava pra brincar de casinha de bonecas. À noite, ele sentava a gente na calçada e contava histórias fantásticas [...] geralmente de lobisomens [...] desses seres míticos que andavam pela vizinhança, nos terrenos baldios.

Uma das filhas do seu Teófilo era professora, fez normal [...] então ela dava aula particular [...] na casa dela. Ela reunia [...]a meninada da rua [...] promovia uns campeonatos de jogos infantis na rua, corridas e aí a gente recebia medalhas e tudo! Queimada e vôlei, tudo isso a gente brincava na rua o tempo inteiro até a noite. A gente passava praticamente o tempo todo, quando não estava na escola, estava na rua brincando [...] a gente teve oportunidades que hoje a maioria das crianças não tem [...] brincadeiras coletivas.

Seu Teófilo é espírita [...] umbandista, foi ele quem levou minha mãe pro Centro Espírita [...]. Então, minha mãe foi umbandista por um bom período da vida [...] também nós, minha irmã e meu irmão frequentamos [...] porque ela nos levava junto nos dias de sessão. E a gente foi criado um pouco nessa comunidade (MB, 2022).

Embora o Sr. Teófilo tenha introduzido a mãe e os irmãos de Mariano convívio do Centro Espírita, ela diz que não recebia benzimento dele, nem da comunidade do Centro, pois a linha deles era de dar passe. No entanto, lembra a presença marcante de sua avó na experiência de ser benzida e cuidada com a medicina tradicional: “quem benzia a mim, a minha família, era a minha avó, que era benzedeira [...] a minha avó quem fazia os chás, que sabia sempre uma medicação das plantas [...] que fazia pra gente quando a gente se machucava” (MB, 2022).

A ligação com a avó, com quem chegou a morar no Rio de Janeiro e acompanhá-la em viagens periódicas ao interior da Bahia, lhe trouxe experiências marcantes em sua memória afetiva e em seu corpo com os saberes e práticas de cura e cuidado da avó, como o benzimento e o uso de plantas medicinais.

Eu tinha ido com ela pra Bahia [...] e me machuquei [...] no curral [...]. Tive um corte bem feio, assim extenso na perna, por conta de um arame farpado. E a minha avó cuidou com um tanto de ervas, na época eu tinha 8anos e não me lembro bem quais ervas foram. Minha vó fez esse macerado de ervas e colocava em cima como um emplastro. Essa cicatriz que eu tenho até hoje [...] ficou como uma queloidesinha, mas acho que bem menos do que ficaria sem essas misturas [...]. Era ela que cuidava assim de nós, remédios pra verme, mastruz com leite e também com as rezas dela (MB, 2022).

Depreende-se dessa narrativa a estreita relação das práticas de cuidado com as plantas medicinais e o benzimento. Esses fatos revelam a ligação de Maria com os saberes tradicionais vividos na infância, no cotidiano do seu núcleo familiar, e até hoje inscritos em seu corpo.

Além da avó, tinha outros benzedores na família materna, os quais Maria não chegaram a conhecer, mas escutou quando criança histórias curiosas sobre eles, contadas por sua mãe. Maria disse que soube recentemente por sua tia que a bisavó Rosa e o bisavô Afonso eram benzedores.

Na idade adulta, despertou em Maria o desejo de adentrar o caminho do benzer após uma formação chamada educação Gaia. No módulo sobre visão de mundo, ela entrou em contato com a Ayurveda (medicina tradicional indiana), com a ecopsicologia e a meditação.

Nesse módulo de visão de mundo, a gente passou por um uma meditação [...] encontrar o propósito da vida [...] a ideia era a gente fazer um mergulho e ir além do

útero e ver o que que a gente trazia de informação como motivo da gente ser. Qual o motivo da gente ser, estar nesse mundo? [...]Foi interessante porque nessa meditação, eu senti a presença da minha avó [...]. Mas até então, entre sentir a presença da minha avó e saber qual era o propósito da minha alma eu não tinha feito a relação (MB, 2022).

Foi a partir dessa turma, a convite de uma colega, que ela e outras mulheres formaram um grupo de estudos sobre espiritualidade, mulheres e o sagrado:

[...] e aí a gente fez vários estudos de livros que trazem essas informações dos mitos e das indígenas norte-americanas e várias leituras que vão trazendo essas experiências míticas, de contato com essas mulheres, que se dá na Terra, trazendo uma informação de força, de poder [...]. Todo mês, nos encontrávamos na lua nova e a gente lia e falava como tinha a ver com o nosso caminho, com o nosso olhar [...] a nossa caminhada, com o que a gente estava vendo, com o que a gente estava despertando. E a gente ritualizava esses encontros com incenso, velas, propondo alguma [...] dinâmica. Eu estava gostando muito de fazer esses rituais [...], me dispondo a estar fazendo acolhimento nesses rituais. E aí, um dia, numa das histórias que a gente leu e no que aquilo estava trazendo pra gente de informação, eu falei que queria ser benzedeira como minha avó, continuar o que minha avó parou.

Foi assim que juntei [as coisas] depois de mais de um ano da meditação onde eu senti a presença da minha avó, com as reuniões, esses encontros com as outras mulheres [...]. Assim, esse sagrado dentro de cada uma de nós, essa relação com os sentidos. É despertando pros sentidos que estão aqui, porque a gente desconectou. Que é a intuição, a visão, o olfato, enfim, dá mais valor pra coisas menos materiais e mais energéticas e espiritual. Foi assim que eu desejei seguir o caminho de minha avó. [...]. Tinha a memória da minha avó benzedeira, ela pegando raminhos e benzendo, com aqueles sussurros, só que eu não sabia absolutamente nada de todo esse rito. A partir desse momento, as informações que eu precisava foram chegando [...], fui conhecendo mulheres benzedeadas que procurei pra me ensinarem (MB, 2022).

Mais uma vez, percebemos a influência familiar no campo simbólico da transmissão desse saber, pois Maria tinha o convívio, a memória afetiva de sua avó, que repercutiu no desejo de seguir o caminho do benzimento. Foram suas primeiras mestras em Brasília (DF), duas outras senhoras: Dona Maria Paula, do Paranoá, e Dona Juliana, de Planaltina:

[...] fui apresentada pra Dona Maria Paula, que foi a primeira benzedeadora do meu caminho [...] até hoje ela é uma referência [...]. Dona Maria Paula mora no Paranoá. [...] eu fui procurá-la pra conhecê-la, pra ver como que ela fazia, o que podia me ensinar e ela me recebeu assim um pouco ressabiada, desconfiada [...] mas logo ela

foi relaxando e eu passei a tarde com ela, pela primeira vez, e ela falava quando que fazia o benzimento e aí pedi pra me benzer [...] perguntei sobre as plantas [...], ela tem várias plantas lá [...] uns canteiros assim perto do muro e em vasos [...] ela me mostrou tudo [...] e me deu várias mudinhas [como] quebra-demanda [...] usada pra livrar a gente de energias que são jogadas ou enviadas pra nós que vão nos desestabilizar, adoecer. Ela também faz xaropes com as plantas [...]. Agora, no início do ano, quando o tempo muda de verão pra inverno, que começa a chover e todo mundo começa a ficar com sintomas de gripe, com problemas pulmonares, ela me deu vários vidros de xarope que ela fez; eu levei algumas ervas pra ela pra ajudar a fazer também o xarope.

Depois [...] uma colega [...] me apresentou a Dona Juliana, outra benzedeira, que morava numa instituição pra idosos lá em Planaltina. Ela [...] teve muita disponibilidade em me receber, ensinar. Eu lembro dela falar que me ensinaria sem problemas, porque ninguém da família dela tinha demonstrado interesse [...]. Eu fui lá algumas vezes visitá-la, passar uma parte da tarde com ela, ela era bem idosa, tava com 97 anos quando eu a conheci. Ela também ensinou pra nutricionista lá da instituição [...] que ia lá fora, pegava os raminhos pra que a Dona Juliana benzesse (MB, 2022).

Depois desse início no aprendizado do benzimento, Maria participou de outras formações em encontros e cursos que compartilhavam saberes e fazeres tradicionais do ato de benzer e do uso das plantas medicinais, como é o caso do Encontro Raízes, que acontece na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, e do curso Céu do Mapiá, no estado do Amazonas:

[...] eu viajei e fui pro primeiro Raízes em 2017 e também viajei pro Amazonas pro Céu do Mapiá, uma comunidade que fica bem dentro da floresta. Fui lá fazer um curso sobre medicinas da Amazônia, florais da Amazônia. Lá conheci também uma benzedeira e um benzedor. A Dona Maria dos Remédios, ela dizia que não podia ensinar porque fazia parte do conhecimento que as benzedeiros não ensinam pra mulheres, só pra um homem e vice-versa. Então, ela não podia nos ensinar a benzer. Na mesma comunidade, a gente encontrou um benzedor que ensinou [...] a medir espinhela caída, também chamado de peito aberto [...] ensinou a gente a medir e a benzer o peito aberto. Às vezes, uma vez só você consegue (MB, 2022).

A Escola de Almas Benzedeiros nasceu em 2016 do encontro de sete mulheres e da partilha de suas memórias e saberes do benzimento.

A proposta da Escola de Almas Benzedeiros vem do encontro de pessoas que trazem informações em suas memórias, informações do benzimento, memórias visuais [...], alguma memória que venha. Até auditiva, de uma fala ou de um procedimento, e a

gente partilha umas com as outras. Isso que era a escola inicialmente. Um grupo pequeno de mulheres que estavam se benzendo umas às outras, a partir do que uma ensinava pra outra, a partir da memória que tinha.

[...] a mais velha entre nós era a Dulce, que está conosco até hoje [...] que permanece benzendo e participando do grupo [...] as outras todas vieram pra criar um quantum de energia para materialização [...]. São pessoas que vieram pra que a coisa pudesse acontecer [...] depois elas se afastam e outras vêm. E vieram tantas outras, porque a gente se manteve promovendo encontros, formações que vão trazendo outras mulheres e homens que desejam também praticar o benzimento.

E hoje, de 7 que começaram na casa da filha da Dulce [...] depois de uma matéria no jornal on-line não me lembro qual [...] a gente passou a ir pra unidade de saúde, porque queria também, é meu desejo, estar em local mais acessível pras pessoas poderem nos encontrar e a gente [...] encontrar com essas pessoas que precisam e querem receber o benzimento. Então, a gente começou a ir pra unidade de saúde da Asa Norte [...]. E aí conforme a gente foi estando lá [...] mais pessoas foram vindo, tanto querendo ser benzedoras quanto ser benzidas. Nessa unidade de saúde, a gente se expandiu enquanto grupo (MB, 2022).

Rosana Gonçalves da Silva (2016) faz uma intervenção muito importante baseada em Barbier (2003):

Barbier diz que cada sujeito está ligado a si e ao seu corpo, às suas emoções e aos seus desejos, às suas memórias e aos seus universos de significações internas, a cada detalhe da vida e a tudo que faz sentido para ele. “A pessoa está igualmente ligada em uma relação ou a vários grupos (a qual pertence ou de referência)”. É com o grupo que o sujeito, em sua singularidade, desenvolve “a estratégia coletiva, o jogo das alianças e das lideranças, os efeitos das artimanhas e dos desafios”. É na relação com o grupo que operacionalizamos “mecanismos” de cuidado, de sentidos, “de defesa individuais e coletivos” (Barbier, 2003, p. 46 *apud* Gonçalves da Silva, 2016, p. 97).

Detalha o movimento de partilha desses saberes como espiralar, fluido e contínuo:

Dona Paula e Dona Juliana, os saberes que elas compartilham comigo é um movimento em espiral que não fica comigo, que, na próxima volta, ele está disponível pra outras pessoas que chegaram no caminho [...] às benzedoras [...], aos aprendizes [...] outras irmãs que também trazem seus saberes [...] então vamos juntar isso com o que eu trouxe, com o que você traz e vamos colocar pra mais gente [...] não é nada em segredo, não é nada retido [...] é uma preocupação sempre de partilhar [...] Não é a retenção de nada e sim a fluidez. [...] a gente hoje tem muita facilidade de acesso à informação e conhecimentos [...], não só no campo etéreo, mas também no campo

material, nesses instrumentozinhos que estão nas nossas mãos o tempo inteiro chegam informações, chegam conhecimentos [...] existe uma grande enciclopédia cósmica [...] acessível pra nós hoje [...]. Houve um tempo que ficavam as coisas escondidas, fechadas, encadeadas [...] o meu movimento sempre foi esse de não reter e sim de compartilhar (MB, 2022).

Esse processo espiralar de partilha dos saberes do bendizer dentro e fora da Escola dialogam com a perspectiva de uma ecologia dos saberes e com a transdisciplinaridade.

Cada encontro com cada benzeira ou raizeira ou pessoas que conhecem o movimento daquilo que eu busco, eu acesso e compartilho [...] criar espaços de compartilhamento é muito importante [...] porque se a gente também não cria esses espaços, a gente acaba retendo sem querer [...], mas quando a gente abre um espaço [...], quando eu viabilizo um chá com bônçãos, na Escola ou nas oficinas de aprendizagem, você abre espaço pra dialogar e compartilhar com mais pessoas (MB, 2022).

Maria aborda a criação do espaço físico e subjetivo a partir das energias das plantas, com a criação da horta de plantas medicinais para potencializar a energia do benzimento na unidade de saúde. Ela concebe a identidade da benzeira como um conjunto de virtudes intimamente relacionado à energia das plantas, ao corpo dessa mulher e ao território onde atua.

A gente iniciou também uma horta de plantas medicinais porque é um conhecimento [...] que agrega valor, poder, que agrega força ao ato de benzer, porque as plantas [...] são usadas tanto pra benzer e interferir no campo que envolve cada pessoa, todos nós somos envoltos num campo de energia; essas plantas ao serem colocadas em movimento junto ao seu corpo, elas interferem no seu corpo usando a energia que elas têm. Arruda é pra proteção e limpeza. A espada de São Jorge corta [...] alguma energia que esteja precisando ser dissipada. [...], enfim tem as plantas de limpeza, as plantas de harmonização como o alecrim, que traz alegria e bem-estar nas pessoas que estão em algum processo de depressão.

As plantas trazem [...] essas informações [...] assim como as palavras. As palavras do benzimento, as rezas ou os comandos de voz são uma energia vibracional [...] a gente através das nossas cordas vocais emite uma frequência energética a partir das palavras [...] aliados ao movimento das plantas que interferem no seu campo, o som da sua voz invocando, falando, desejando, vibrando pra aquela pessoa que apresentou uma queixa [...] uma situação e pede intervenção [...] então é um conjunto de ações [...] que são para o bem [...] palavras benditas, palavras de fé, de coragem, aliadas ao poder que as plantas trazem em si, seus poderes mágicos, seus

poderes energéticos fazem um conjunto que é a benzedeira. A benzedeira usa as plantas pra manifestar ou não. Tem benzedeiros que só usam as mãos. Dona Ana usa as mãos pra benzer, mas ela também usa e tem domínio do conhecimento sobre as plantas e seus poderes curativos. Ela sabe usar, por exemplo, o talo de mamona pra benzer um cobreiro ou uma erisipela (MB, 2022).

Maria não professa uma religião, mas agrega os conhecimentos adquiridos das religiões pelas quais transitou.

Eu não sou uma pessoa religiosa, mas uma pessoa de muita fé. Fé em vários processos [...] por onde eu passei [...]. Todos esses espaços que frequentei trazem uma informação importante para o que me constituí hoje, uma pessoa que sabe do poder das plantas pra banhos, remédios, chás, xaropes ou pra serem instrumento de manipulação no corpo da pessoa.[...] assim, tudo que eu vivi eu não rejeito, [...] minha mãe era umbandista, a gente tava lá na umbanda, tem ensinamentos que são desse campo[...]da religiosidade e dos pretos velhos e caboclos e outros tantos que fazem parte da minha vida, do meu conhecimento com o sagrado[...]. Minha vó me levava pra missa quando eu morava com ela, então as orações, os terços, as rezas que eu aprendi da Igreja Católica, eu também lanço mão delas [...]. Não me considero uma pessoa religiosa porque eu não frequento nenhum espaço religioso. Eu transitei por eles [...], isso era uma busca pra mim [...]. O exercício do benzimento me traz essas diversas informações por onde eu transitei. Eu acolho e acho isso (MB, 2022).

Deis Siqueira (2002) destaca a expansão das novas religiosidades, dos grupos não convencionais que surgem como expressões de um campo religioso ampliado, deslocado das instituições, baseado numa composição de valores, práticas e rituais para a construção de caminhos espirituais de caráter ecumênico, em que se articulam elementos de várias religiões, consciência planetária, paz mundial, ecologia. Destaca como “um dos fenômenos mais significativos da atualidade é o indivíduo compondo sua própria religiosidade. Essa seria uma passagem de religião para religiosidade, ou religiosidades, no plural” (Siqueira, 2002, p. 193).

Maria faz uma ritualização, um preparo de autocuidado, uma limpeza, uma harmonização, convoca um estado de presença para fortalecimento de seu campo energético em seu cotidiano e antes de benzer.

A gente fazer essa limpeza, essa harmonização com o nosso corpo, com o nosso campo... é sempre bom que vez por outra a gente faça um banho de ervas, faça um momento ali só de reza, de prece, de oração pra que a gente possa [...] manter essa

firmeza, esse canal[aberto]. [...] Faço sempre que posso, sempre que me sinto um pouco titubeante ou como autômata [...], fazendo as coisas mecanicamente. [...] são momentos de parada bem importantes[...]. Tudo que a gente vive nesse mundo é assim, começa de uma forma e daqui a pouco no nosso trabalho, na nossa vida, nos cuidados da casa, da família, enfim, das relações de amizade...parece que as coisas vão ganhando um automatismo que não precisam mais ser cuidadas. É como se fossem rotineiras e não são porque quando elas ganham essa dimensão da rotina ou do “não preciso cuidar”, a gente tropeça e tropeça feio!

Quando você vai ali pra mexer na terra também é um momento de você manter o seu campo percebendo o que está fazendo [...], não deforma automática[...] mas perceber que aquela planta estava precisando de algo diferente e que esse algo diferente é o que eu estou dando, que estou manipulando ela ali, ajudando ela a ter um lugar melhor [...]. Tudo isso que eu falei é como eu mantenho minha presença [...], prestando atenção em mim, na minha ação e como eu reajo às coisas em volta e como as coisas em volta reagem com a minha ação (MB, 2022).

Maria, ao relacionar o autocuidado como cuidar da terra e da vida, provoca uma autorreflexão que converge com o entendimento da ecopedagogia como “um resgate profundo da cosmovisão dos seres humanos a fim de buscar o equilíbrio entre o homem consigo mesmo, com o planeta e com o cosmos como um todo” (Gadotti, 2005*apud*Schwalm, 2022, p.59). Por essa abordagem, a ecopedagogia passa a ser “vista como uma filosofia de vida [...] um caminho de autoconhecimento, autoeducação e reflexões profundas sobre o que é a vida” (Schwalm, 2022, p. 59).

Maria destaca um aspecto que considera importante quando benze: a escuta da pessoa que procura benzimento:

[...] quando eu recebo alguém pra benzer [...], pergunto o nome e o que a pessoa está trazendo de demanda [...], queixa ou questão. Quando não é um simples benzimento de resgate da memória, um empreendimento que é só uma manifestação da energia do campo[...], uma limpeza e harmonização do campo da pessoa. Quando não é isso e ela parte pra uma queixa de uma dor emocional, de uma dor física[...], a escuta é bem importante. Dar a escuta devida ao que a pessoa está trazendo (MB, 2022).

A escuta sensível das pessoas que procuram o benzimento possibilita dar orientações que as levem a perceber a si e aos outros e ao campo energético em que estão envoltas, e ainda lhes confere autonomia para práticas de autocuidado e cuidado com os outros tanto no nível físico como espiritual. Isso tudo configura o caráter ecopedagógico do ato de benzer.

O caráter pedagógico de seus atendimentos extrapola o ato do benzer em si e transcende para uma dimensão de cuidado com a terra e a natureza. A narrativa de Maria traz aspectos importantes para a compreensão da prática do bendizer, do legado de sua avó e de seu trabalho na Escola de Almas Benzedoras e evidencia a visão integrativa ecossistêmica, característica da educação ambiental e suas práticas ecopedagógicas, bem como a cosmovisão dos povos originários.

Segundo Maria Cândida de Moraes (2021) o paradigma ecossistêmico é fundamentado na visão sistêmica, ecológica, complexa e relacional da vida. A autora destaca:

Esse enfoque possibilita uma maior compreensão dos aspectos ontológicos e epistemológicos presentes nos processos de construção do conhecimento e na aprendizagem [...]. E, sobretudo, ele enfatiza um maior cuidado e uma melhor realização das necessidades dos seres humanos e de todos os seres, incluindo a Terra com Pachamama acolhedora, nutridora e reconstrutora da vida (Moraes, 2021, p. 222).

É evidente a dimensão de conexão, integração, consigo e com a natureza como elemento fundamental dos processos de harmonização nos espaços de cuidado oferecidos pela Escola. Um exemplo é o entrosamento das atividades de cuidado com a terra de acordo com a dinâmica das estações do ano, na criação e manutenção de hortas medicinais em espaços públicos, postos de saúde ou parques urbanos.

TRAJETÓRIA FORMATIVA DE ANA CLARA: CAMINHOS QUE COMUNGAM

A segunda entrevista foi realizada com Ana Clara (AC)², também benzedora da Escola de Almas Benzedoras, que se apresenta assim:

Eu sou Ana Clara Barreiro benzedora, bisneta de Maria da Conceição, José Fernandes, João Barreiro, Alexandria, Carolina, Manuel, Antônio e Maria da Piedade, parteira e benzedora. Numa roda de benzimento quando a gente se apresenta dessa forma, a gente traz todos os nossos ancestrais para a roda. A gente traz toda nossa família sanguínea, muitos deles não mais presentes fisicamente neste plano, mas que nos acompanham. Graças a eles a gente está aqui” (AC, 2022).

² Quando da citação de entrevistas de Ana Clara, usaremos (AC, 2022).

Seu modo particular de se relacionar com a natureza, o sagrado, os seres humanos, os cultivos, os saberes da terra, se expressa nas rodas de benzimento da Escola de Almas Benzedoiras, à qual Ana Clara pertence desde 2018. Nesses momentos, ela ritualiza, convocando um estado de presença para sua prática ancorada em suas raízes ancestrais, e afirma sua origem rural no sertão do estado da Paraíba.

A minha família tanto materna como paterna veio do campo. Então, tinha tradição de plantar, de colher, dos seus animais, bem de agricultura familiar. [...] Depois meu avô paterno foi motorista de caminhão, mas nunca perdeu esse vínculo nem com a terra, nem com os animais (AC, 2022).

Ana Clara guardou em seu corpo-território as vivências das viagens na infância que fazia com os pais à terra natal a cada dois anos.

Minha memória afetiva de benzer vem da minha bisavó materna; ela era uma das parteiras da cidade. Eu também nasci de parteira, não por ela, porque ela morava no sítio, então, não deu tempo pra ela chegar. [...] ela chamava Maria da Piedade, mas [...] todo mundo a chamava de Mãe Velha, as pessoas da família e a comunidade da cidade também (AC, 2022).

No ritual do benzimento de Mãe Velha, a bisneta benzedeira destaca a necessidade do pedido, o uso das plantas e das palavras por meio de orações mediadoras do sagrado no ato de bendizer.

A memória de benzimento que eu tenho dela, a gente pedia [...] as crianças, a gente falava: “Mãe Velha, benze a gente”. [...] [aí] ela pegava alguma planta [...]; eu lembro muito da dormideira. A planta que tivesse no chão, ela pegava, catava e aí benzia a gente assim, na frente, não lembro a oração que ela falava. Outro dia, eu fiz uma meditação pra ver se eu lembrava alguma palavra, mas eu não lembro. Aí benzia a gente, independente do dia, independente da hora e tudo, e aí depois ela jogava esse matinho fora (AC, 2022).

Sobre seus vínculos com a cultura nordestina e a chegada em Brasília, Ana Clara conta:

Nós somos do sertão da Paraíba, viemos pra Brasília em fevereiro de 1969, meu pai, minha mãe, minha irmã mais velha, que era irmã de criação. Gastamos 8 dias pra chegar de lá até aqui. [...] Quando eu cheguei, eu tinha 2 anos; aprendi a falar aqui.

Então, não tenho esse sotaque característico do Nordeste, assim, talvez pela forma de construção do meu falar você perceba que eu não seja daqui (AC, 2022).

A trajetória de vida de Ana Clara e seus familiares expressa o encontro de culturas da modernidade com os saberes das tradições, que configuram a cultura popular e compõem a diversidade cultural da capital Brasília (DF).

Os vínculos afetivos dos habitantes da cidade mantidos por suas viagens, ao longo de idas e vindas às suas terras de origem, nutriram os saberes e fazeres tradicionais dessas pessoas e se perpetuaram nos diversos territórios da capital, resistindo ao processo homogeneizador cultural modernista que a cidade tentava imprimir aos seus novos moradores.

Brasília foi concebida como uma cidade moderna que pretendia curar o Brasil de seu estado letárgico de subdesenvolvimento –e ela jamais abdicou desta vocação –, mas à medida que se fez cidade, manifestações culturais de várias tradições brasileiras emergiram em meio à expressão cultural local. A diversidade cultural que define Brasília testemunha a força da cultura regional dos imigrantes e candangos que se mudaram para Brasília durante sua construção e após a inauguração da cidade (Amorim, 2016, p. 192).

Ana Clara reconhece a identidade da bisavó como uma mulher do campo, sempre preocupada com a lida das mulheres do campo; muito corajosa, valente, conhecida em sua comunidade por esses atributos e por seus ofícios como benzedeira e parteira. Ela destaca a autoridade da matriarca, respeitada até pelo delegado da cidade, que não entrava em suas terras sem autorização.

Ela tinha essa autoridade natural e respeitada [...], um temperamento mais agitado. [...] Eu lembro muito esse trabalho do campo e quando a gente ia visitá-la de carro, antes da gente ir pra cidade, a gente passava na casa dela, que era uma légua (7km) antes. A gente chegava na casa dela, tomava banho, trocava de roupa, fazia uma refeição e aí a gente chegava na cidade. E na volta [...], a gente também passava na casa dela pra se despedir. Eu lembro que ela chorava quando a gente chegava e quando a gente ia embora! (AC, 2022).

A lembrança que Ana Clara guarda consigo da Mãe Velha remete à figura arquetípica das mulheres benzedeiras mais idosas. No entanto, reflete os enfiamentos diários do cotidiano dos fazeres das mulheres sertanejas.

Eu lembro sempre dela com o cabelo preso num coque bem volumoso [...] o meu avô e os meus tios-avôs também eram muito claros, compridos. Então, ela era uma mulher assim com o corpo meio grandona. Ela também fumava cachimbo [...] e falava muito palavrão. Sim, reclamava da lida da casa, da lida com os animais (AC, 2022).

Essa percepção de Ana Clara acerca da condição de luta de sua bisavó, expressa no corpo da mulher do campo, nos remete ao sentimento da topofilia de Tuan (1980), que personifica vínculos com a natureza das trabalhadoras da terra:

[...] a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor(a) está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança (Tuan, 1980, p. 111).

Além da bisavó materna, Ana Clara tem outros familiares praticantes dos saberes da tradição do benzer. “Tio Augusto, meu tio-avô, também benzia animais, e também tia Santina, minha tia-avó materna, filha dessa minha bisavó que era parteira e benzedeira” (AC, 2022).

Os sabores da terra marcam o acolhimento da tia-avó benzedeira. “Eu lembro muito de visitar a casa dela, ela era uma mulher muito alegre, muito receptiva... ‘Ah, eu vou passar um café pra vocês’, e servia queijo, sempre tinha um armário de queijo coalho, que ela fazia. Uma delícia! Minha família tinha esse costume” (AC, 2022).

As raízes ancestrais de Ana Clara levaram-na a adquirir o hábito de buscar benzedei-
ras para ser benzida. “Eu tenho da memória do benzer na minha família ou na minha comunidade como área de interesse meu e de reverência. Então, [...] quando eu saía daqui de Brasília pra algum interior, se eu sabia que tinha benzedor ou benzedeira, eu ia atrás pra ser benzida” (AC, 2022).

Em suas andanças, encontrou benzedei-
ras e raizeiras sempre observando se os quintais tinham certos tipos de plantas cultivadas; ela logo identificava: “‘Se o quintal tem certas plantas, essa pessoa aqui, se não for benzedeira, é raizeiro’. Tem algumas ervas que são muito emblemáticas em benzer. Por exemplo, arruda” (AC, 2022). Ana Clara desenvolveu uma cartografia própria, movida pelas práticas de cura e cuidado dos saberes tradicionais que resistem nos territórios da capital, do entorno e mesmo de outras regiões.

Nascida em família benzedeira, confessa: “Eu não aprendi com minha família, apesar de ter benzedores [...]. Eu já era adulta, eles já tinham morrido. Eu não sei se decidi ser benzedeira porque descobri pela internet a Escola de Almas Benzedeiros de Brasília. Fui lá, primeiro pra ser benzida” (AC, 2022). A busca por benzimento levou Ana Clara ao encontro com pessoas que ela já conhecia de outras formações dentro do pluriverso da cura e do cuidado. Esse encontro foi significativo para ela decidir aceitar o convite da amiga Vânia Pinheiro para adentrar no caminho do aprendizado do bendizer.

Desse lugar da prática do benzimento na contemporaneidade, as narrativas nos ajudam a perceber papel desses espaços educativos mobilizados por outras percepções do mundo que permitem a descoberta da ética do cuidado e do bem viver e viabilizam o reencontro com a ancestralidade.

Segundo Lara Amorim (2016), em Brasília, o moderno e o tradicional convivem hoje com mais tolerância. O distanciamento cultural entre os dois, anteriormente marcante, parece diminuir gradativamente. A autora destaca que o processo de hierarquização dos signos culturais foi responsável pela estratificação social que marcou a história de Brasília.

Para alguns, sejam eles imigrantes, candangos, sertanejos, trabalhadores, a modernidade prometida jamais chegou a se realizar. Vários segmentos de moradores do Distrito Federal que são hoje protagonistas da cultura da cidade foram, em outros momentos da história, estigmatizados do processo de enunciação do que seja a cultura brasiliense (Amorim, 2016, p.195).

Esses cidadãos, protagonistas da cultura popular, foram destituídos de seus direitos sociais e seus saberes silenciados e invisibilizados (Amorim, 2016, p.195). Nesse contexto, sofreram com o mesmo processo homogeneizador da cultura modernista da capital as/os protagonistas das práticas de cura e cuidado, pois estiveram por longo período apartadas/os das políticas públicas de saúde e educação escolar.

Atualmente, nos diversos territórios da América do Sul existe um movimento contrário ao processo hegemônico homogeneizador cultural, que busca salvaguardar e perpetuar os saberes e fazeres da tradição, especialmente o ofício de benzer.

A Escola de Almas Benzedeiros de Brasília insere-se nesse movimento, desde 2017 e leva o ato de benzer as unidades de saúde do Distrito Federal, respaldado pelas Práticas

Integrativas de Saúde (PICs), do Sistema Público de Saúde (SUS), e aos parques urbanos da cidade e pelo projeto Conexão Verde - Plantas Medicinais e Saberes Tradicionais do Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), desde 2018.

As benzedeadas da Escola ao atuarem nestes espaços públicos, enquanto grupos evocam identidades emergentes, identidades coletivas, com características singulares e modos específicos de territorialidades. Neste sentido ao atuarem nestes espaços públicos do Distrito Federal

A permanência e o renascer dos saberes evocam sentimentos fundados nos lugares, sendo bastante significativos para a compreensão das territorialidades (...) Articulados em rede, estes saberes tecem a costura da identidade cultural e histórica e trazem ressignificações aos sujeitos, seus lugares e seu território. Na escala da intimidade onde são produzidos, os saberes apresentam-se como elemento sustentador da identidade. A identidade é experiência na esfera das práticas, pensamentos e sentimentos (Thompson, 1998 *apud* Andrade 2019, p. 95).

No Distrito Federal, o ato de benzer se insere como uma das Práticas Integrativas de Saúde (PICs) na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC) pela modalidade de imposição das mãos em consonância com outras práticas de saúde ofertadas nas unidades de saúde pela imposição das mãos pela mesma prerrogativa da prática terapêutica do Raíke que se dá pela imposição das mãos. Neste contexto, as rodas de benzimento da Escola de Almas Benzedeadas são ofertadas quinzenalmente na unidade de saúde do Lago Norte. Embora essa prática de benzimento não esteja expressamente elencada nas (PICs) no Distrito Federal acontece de forma distinta de outros estados e municípios brasileiros.

No intuito de salvaguardar e perpetuar os saberes do benzer, a Escola oferece formação inicial a todas/os interessadas/os na prática. Após essa formação, as/os integrantes desse coletivo continuam seus aprendizados durante as práticas, nas rodas de atendimento da Escola e nos encontros com povos originários e benzedeadas/res de outros locais. Ana Clara, explicita: “Então, a gente acha que é um aprendizado, que é um ofício tradicional. O benzimento é mais do que um dom nato, qualquer pessoa pode aprender a benzer. Não só aquelas pessoas que têm na sua família, em sua ancestralidade (AC, 2022).

Apona a diversidade de práticas e a singularidade do ato de benzer de cada integrante:

[...] nossas práticas de benzimento, quando estamos juntos, cada um vai de acordo com a sua linha de afinidade ou a sua, digamos, até a sua linha espiritual mesmo. Então, por isso que às vezes, quando você vai nos ver nesses locais, alguns de nós usam algum instrumento, alguma ferramenta, alguma planta, alguma reza, alguma oração, alguma prática de meditação que possa auxiliar o seu benzimento (AC, 2022).

A ESCOLA COMO MOVIMENTO E RITO COLETIVO

A Escola de Almas Benzedeadas de Brasília não ocupa um lugar físico fixo. Ela se materializa quando o coletivo de benzedeadas/res se reúne em rodas de benzimento em espaços públicos do Distrito Federal (postos de saúde e parques urbanos), quando compartilham saberes entre si e com quem recebe o benzimento. E assim se dá o processo de circulação, constituição e partilha de saberes. “Quando a gente se encontra, essa Escola ganha vida, se materializa enquanto círculo, porque a gente também sempre se encontra em roda. A escola acontece nesse lugar quando estamos juntos e em ação” (AC, 2022).

Enquanto coletivo, a Escola constitui e intercambia saberes nas práticas de benzimento: “Como nós somos uma escola, então a gente benze, a gente presta esse serviço, mas a gente também está sempre em contato com benzedores e benzedeadas de várias linhas ou viajando ou pesquisando, pra levantar sua história e aprender formas de benzer” (AC, 2022). Continua: “A Escola de Almas Benzedeadas de Brasília é um grupo de buscadores, um grupo de pessoas, cada um tem a sua busca pessoal espiritual e a sua fé e, enquanto pessoa, seu crescimento” (AC, 2022). Destaca a diversidade de linhas religiosas do grupo:

[...] há católicos, há espíritas, algumas pessoas de umbanda ou de candomblé. Mas na verdade [...], somos voluntários, a gente não tem nenhum vínculo religioso. Enquanto buscadores, eu acho que a gente é muito feliz nesse contexto, porque temos pessoas de várias linhas religiosas professando dentro de uma atividade que é comum (AC, 2022).

Ela reconhece a importância dessa diversidade: “Eu acho que esse espaço de benzer no coletivo e com essa diversidade nos enriquece e nos fortalece muito” (AC, 2022).

Neste sentido, os espaços dos encontros do benzer, nos dias de hoje se configuram em espaços formadores, perfazem estratégias alternativas à ruptura do processo de transmissão de conhecimentos geracionais, ocasionadas por transformações nas dinâmicas familiares, comunitárias, territoriais, entre outras. Para Lewitzki (2019), no contexto do sul do

Brasil, os encontros das benzedadeiras são constituintes do Movimento e são o combustível da organização coletiva; nos encontros trajetórias são compartilhadas, conhecimentos intercambiados e violações relatadas, constituindo o pertencimento coletivo associado a um modo de ser e estar no mundo (Lewitzki, 2019, p, 172). A Escola também não tem formato, nem vínculo religioso, mas existem ritos: “Quando a gente se encontra [...], onde a gente se encontra, onde a gente acolhe a comunidade que veio se benzer, onde a gente se apresenta... posso dizer que há um rito criado ali” (AC, 2022).

Antes de iniciar o benzimento, o grupo faz um ritual de reforço de energia: “Quando estamos nas Unidades Básicas de Saúde [UBS], a gente faz uma harmonização entre o grupo que vai benzer, entre nós, a gente monta no centro uma espécie de centro de força mesmo” (AC, 2022). Nele são dispostos objetos e plantas, criando um vínculo com o lugar, convocando um estado de presença e uma ligação entre humanos e não humanos. “Nós colocamos um tapete, uma talha com água, um oráculo que chama Oráculo do Pão, que são algumas palavras e algumas plantas. Na UBS do Lago Norte, eles têm uma horta e uma pequena agrofloresta lá. Então, a gente tem coletado essas plantas lá, colocamos sobre esse centro de força” (AC, 2022).

Ao utilizar as plantas medicinais cultivadas nas hortas esses espaços nas unidades de saúde e nos parques urbanos expressão os vínculos subjetivos entre as plantas e o benzimento importantes na reprodução de conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade do bioma Attuch (2006).

Criado o campo de força e as pessoas que serão benzidas colocadas em roda, faz-se um acolhimento com a *Oração da Grande Mãe*, criada por Liz Guarani Kaiowá, uma benzedeira que a doou à Escola.

ORAÇÃO DA GRANDE MÃE

Mãe imaculada, Mãe lua, Mãe terra.

Consagra com tua presença os nossos caminhos de amor.

Estende sobre nós teu manto de sabedoria e doçura.

Acende em nós a chama de tua infinita misericórdia

Esvazia nossa mente, ilumina nosso olhar, purifica nosso ouvir.

Para que possamos ser na verdade, ação

Na entrega, coração, na palavra, união.

Estende carinhosamente as tuas mãos sobre nossas mãos,
Para que nosso toque seja bênção de puro amor.
Salve mãe que nos habita, nos transforma, empodera.
Para que o amor se espalhe por toda terra! Graças, mãe!
Desde princípio assim é nossa uma essência divina.
Ave Maria, a mãe de Deus.

A referência à Mãe Terra como essência divina remete a outras ontologias e cosmovisões do bem viver andino, representado pelo cuidado com Pachamama, a Mãe Terra, o bem viver como sentido de pertencimento à natureza e de solidariedade em escala local e planetária, levando em consideração a solidariedade e a sacralidade da natureza.

Nos atendimentos, quem vai benzer segue alguns costumes e tradições.

Na Escola a gente tem uma camiseta, em geral, a gente põe, mais por efeito de identificação. A gente benzeadeira costuma também usar mais saia por conta dessa relação com o feminino[...]. Quando vem família com criança, ou o casal, aí a gente atende aquela família. Às vezes a gente atende separado. Mas filho, a gente atende com os familiares até 12anos, porque na verdade a mãe tem essa autoridade.

[...] a gente segue a tradição que a acompanha a luz do Sol. Então, a gente benze do nascer até o pôr do Sol. Há várias linhas de benzimento que benzem em qualquer hora do dia ou da noite (AC, 2022).

Quanto ao uso de plantas no ato de benzer, Ana Clara fala: “Lá no posto [UBS] tem uma ou outra árvore do Cerrado, mas a gente tem usado mais as plantas que são de horta, aromáticas, temperos” (AC, 2022).

Azevedo, Bertoloto e Quadros (2015, p. 255) destacam a importância dos rituais para as comunidades e grupos: “Existe uma grande força, nas comunidades, que são os rituais. Os homens praticam os ritos como um meio para propagar valores, características culturais que possam manter a convivência, próspera e harmoniosa dos integrantes de uma comunidade”. Segundo Brandão (2007, p. 17), “toda a educação é cultura. Toda a teoria da educação é uma dimensão parcelar de alguns sistemas motivados de símbolos e de significados de uma dada cultura, ou do lugar social de um entrecruzamento de culturas”.

Acrescente-se “toda a manifestação cultural, mesmo de cunho religioso, é um diálogo ensinador” (Azevedo; Bertoloto; Quadros, 2015, p. 256). Os autores abordam o momento ritualístico na construção de aprendizados. Por essa perspectiva, podemos inferir que os rituais de harmonização e acolhimento da Escola são momentos de ensino e aprendiza-

gem nos quais o grupo adquire caráter educativo e perpetua valores e princípios de cuidado com a vida.

Ana Clara relembra os trabalhos de pesquisa e intercâmbio de saberes e fazeres tradicionais que ela e a Escola fazem junto das benzedeadoras mais idosas, moradoras do Distrito Federal (Dona Ana Maria e com Dona Antônia) e da Chapada dos Veadeiros (Dona Flor e Dona Cecília). Destaca os saberes de Dona Antônia e de Dona Flor acerca das plantas medicinais do Cerrado, presentes em todos os aspectos da vida que envolvem os modos de vida tradicional, no qual os saberes de cura e cuidado do bendizer ligados às plantas passam o cuidado com a terra, com a alimentação e as práticas das medicinas tradicionais.

Na Chapada dos Veadeiros, muitas benzedeadoras usam especificamente plantas do Cerrado para benzer ou dentro da sua medicina (chás, infusões e temperos) porque uma alimentação mais com produtos da terra e práticas de saúde de autocuidado também comungam e conversam muito com o benzimento (AC, 2022).

O que é bem dizer? “É você achar a melhor palavra. E qual é a melhor palavra? Às vezes, essa escuta que você consegue fazer no outro, e nessa troca e nesse encontro, também. Aí, dentro disso, cada uma também tem o seu caminho” (AC, 2022). Essa definição e a preocupação de Ana Clara em achar a melhor palavra remete ao caráter educativo do seu modo de benzer/bendizer. Segundo Brandão (2007, p. 10), a matéria principal do educador é a palavra. Afinal, “que outro é o desafio da educação popular senão o de reverter, no mistério do saber coletivo, o sentido da palavra e seu poder?”.

No ato de benzer, Ana Clara estabelece uma sintonia entre seu corpo e o da pessoa que será benzida, criando um campo sutil subjetivo com a respiração em conjunto, antes de pronunciar as palavras do benzimento: “Eu sempre uso a respiração da pessoa e a minha, e aí o poder da palavra... Benzer é dar a melhor palavra. Palavra assim enquanto verbo, enquanto palavra bendita. Que cria forma” (AC, 2022).

Recorda a experiência vivida no benzimento na infância: “Eu gosto de usar alguma planta ou alguma essência, algum perfume, porque, quando eu vou benzer, eu lembro muito da minha bisavó. [...] Então, às vezes, uso algum óleo, algum aroma” (AC, 2022).

Ana Clara destaca a importância dos cheiros em promover um estado mais acolhedor para o corpo, no intuito de criar um ambiente mais confortável para se doar o benzer.

Quando você sente um cheiro, naturalmente ele já vai pro seu cérebro, e já atua ali de alguma forma que já lhe traz bem-estar. Então, quando eu vou benzer, eu sempre uso planta... lavanda aqui. Se eu não tenho, aí pego a planta que for, amasso, ela vai soltar sempre uma gosma [...] eu uso [...] essa planta; depois que termino, eu dispenso [...]. Todas as plantas trazem um cheiro, aromaterapia. Não sou aromaterapeuta, mas gosto muito de estudar as plantas (AC, 2022).

Ana Clara tem o seguinte entendimento sobre a saúde:

A saúde atua em muitos níveis [...]. O que que é a saúde? É o seu estado pleno. Inclusive, de consultar uma pessoa que detém esse saber [do benzimento]. De ter alguma prática de alimentação, alguma prática física, uma prática de conduta de vida... Só o benzimento, só essa ação da palavra, ela não substitui isso. Por quê? Porque, na verdade, quando a gente adoecer são muitos corpos nossos que adoecem. Não é só o corpo físico. O benzimento vai atuar numa esfera e não em todas as esferas. O benzimento não substitui nenhuma área médica. Uma vez, eu benzi uma pessoa e a pessoa me perguntou: “Agora eu já posso suspender o meu remédio?”. Falei: “Não. Só quem pode suspender seu remédio é o médico que lhe receitou” (AC, 2022).

Dos seus cinco anos de prática, Ana destaca que os anos da pandemia de Covid-19 foram os mais intensos. A Escola recebia os nomes das pessoas que queriam ser benzidas por um formulário *on-line* e as benzedeadas faziam o benzimento a distância.

Esses dois anos de pandemia... como se fossem dez anos. Durante a pandemia, foi quando começamos a atender *on-line*. As pessoas mandavam os nomes, a gente tinha assim mil nomes[...] a pandemia acordou esse medo mais profundo. O medo da perda, o medo da doença. Tudo aquilo que não é vida (AC, 2022).

Um público diverso procura o benzimento de Ana Clara, pelos mais diferentes motivos. Diante da complexidade dos problemas da vida, ela inicia sempre com a pergunta sobre que aspecto da vida pessoal a pessoa quer ser benzida.

Então, a gente aprende a escutar também tudo que está sendo dito pra nós. Eu pergunto: “O que você precisa?”. O benzimento é algo pra pessoa. Não é tudo que você pode benzer ou pedir. É algo assim muito dentro do seu particular e respeitando o todo e o livre-arbítrio do todo. E quando eu vou benzer, eu me coloco receptiva naturalmente e já fecho os olhos (AC, 2022).

Em sua trajetória, Ana Clara percebe que há, entre quem benze e quem busca o benzimento, um estilo de vida mais harmônico com a natureza, maior cuidado com a alimentação e com a sustentabilidade da vida na Terra, ligados a uma educação mais colaborativa, comunitária. Para ela, são

[...] caminhos que vão comungando. Eu percebo, entre as pessoas que buscam benzimento, enquanto palavra, e os benzedores tem uns caminhos que parece que vão se cruzando. Em geral, são pessoas que têm uma preocupação com alimentação, com o estilo de vida, com a forma de estar no mundo, com o consumo em si. Eu encontrei muitos agricultores familiares, agricultores orgânicos ou pessoas ligadas à permacultura, a determinadas linhas de educação mais colaborativas, mais comunitárias (AC, 2022).

Essa concepção dialoga com o pluriverso do bem viver abordado por Acosta (2016):

Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade, solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para formulação de visões alternativas de vida [...] Refere-se à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, como meio necessário para garantir uma vida digna para todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta. O fundamento são as relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes (Acosta, 2016, p. 33).

Ana Clara reflete:

Enquanto benzedora, o que esse caminho me trouxe e me traz enquanto aprendizado, me traz essa escuta dessa humanidade que o outro me conta e dessa intimidade também. Desse pedido de benzimento [...], dessa comunhão e comunicação que a gente cria e estabelece entre benzer e ser benzido (AC, 2022).

Os aprendizados que envolvem a relação entre benzedor e quem é benzido demonstram a centralidade do cuidado nas suas práticas, “implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, entrar em sintonia” (Boff, 2005, p. 85). Nesse momento, não é a razão analítica-instrumental que é chamada a funcionar, mas a razão cordial, o espírito de delicadeza, o sentimento profundo.

A prática do bendizer de Ana Clara mostra que ela, ao benzer, cria um estado subjetivo em seus atendimentos para escutar o outro e dar a melhor palavra, e propõe que a pessoa continue práticas de autocuidado para o corpo físico e/ou espiritual, conferindo autonomia para o cuidado e a proteção da vida daqueles que a procuram para serem benzidos.

Ana Clara faz uso da medicina popular com remédios caseiros feitos de plantas medicinais do Cerrado, alimentos orgânicos das CSAs (Comunidades que Sustentam a Agricultura) de que participa e continua a receber benzimento de seus pares. Ela demonstra interesse em continuar seu aprendizado do bendizer, sobre as plantas e o sagrado. Seu modo de vida configura um consumo consciente, harmônico com a natureza, pratica o cuidado consigo e com a vida. Busca um caminho de equilíbrio entre ela, os outros e a natureza.

Choquehuanca (2022) descreve os caminhos do bem viver pela perspectiva indígena: é preciso ser uma pessoa que vive bem, devemos tomar um caminho de equilíbrio entre as pessoas, entre estas e a natureza, aprofundando os diálogos com a Mãe Terra para fortalecer os ciclos vitais da natureza, energia cósmica, telúrica, compreender o mais importante na filosofia do bem viver ou “el vivir bien lo más importante es la vida” (Choquehuanca, 2022, p. 186).

Ana Clara aborda as interfaces relativas a quem exerce a prática do benzimento e o seu modo de habitar o mundo, onde o cuidado ocupa centralidade no seu modo ser, viver e cuidar de si, do outro e do planeta. O caráter ecopedagógico dos seus atendimentos e as vivências favorecem a tomada de consciência para a religação com a vida, a cultura e a natureza que habitam seus corpos e territórios do Cerrado. Confirma o pensamento de Tristão (2005, p. 261):

a Educação Ambiental pode resgatar as sensações valorativas para que as subjetividades individual e coletiva criem um sentimento de pertencimento à natureza, de um contado íntimo com a natureza para perceber a vida em movimento de equilíbrio/desequilíbrio, organização/desorganização, vida/morte, o belo e o bom nela contidos. Essas sensações foram abafadas pelo predomínio de uma racionalidade cognitivo-instrumental do paradigma dominante.

Os diálogos praticados na Escola de Almas Benzedeadas de Brasília com benzedeadas, raizeiras e outros grupos de saberes tradicionais convergem na perspectiva da ecologia dos saberes: “Tem às vezes benzedores que vêm de algumas linhas ou de alguns dos locais que

se juntam nesse trabalho, o que a gente chama de formação também” (AC, 2022). Reafirma assim a importância do aprendizado e troca de saberes do bendizer a partir do coletivo da Escola.

Acompanhar a trajetória formativa de Ana Clara por meio de sua narrativa nos possibilitou uma compreensão mais profunda das memórias ancestrais guardadas no corpo, cujas experiências vividas singularizam seus modos de ser e estar no mundo e constituem sua prática do bendizer. Além disso, nos fez perceber que o espaço do benzer é um espaço que dialoga com a educação ambiental e as práticas ecopedagógicas do cuidado e do bem viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática cultural do benzer (bendizer/bem dizer) continua a ser transmitida nos dias atuais. Guardadas as alterações promovidas pelo tempo, permanece nas sociedades contemporâneas o reconhecimento de sua importância nas práticas de cura e cuidado. Apesar de ser uma prática proveniente do meio rural, encontra adesão nos centros urbanos, graças aos seus praticantes e aos que recebem as bênçãos e atestam o poder desse ofício tradicional.

O reconhecimento da tradição benzimento, das pessoas que praticam esse ofício e dos que buscam essa experiência e acreditam na cura através das palavras, das plantas, dos elementos da natureza e do sagrado, se manifesta atualmente pelo acolhimento do ato de benzer como uma das Práticas Integrativas de Saúde (PICs), do SUS. A Escola de Almas Benzedeiras de Brasília atua em postos de saúde (UBS) do SUS, além de parques da cidade e encontros de saberes da tradição.

Podemos interpretar a importância desse acolhimento na perspectiva da sociologia das ausências e emergências, opção epistemológica proposta por Boaventura de Souza Santos (2004), que afirma que ter a ciência moderna produzido existências e também ausências. O autor entende que a reabilitação desses diferentes e silenciados saberes e formas de conhecimento enriquecem e ressignificam a relação com o mundo. Para ele, o não aproveitamento dos diferentes saberes e experiências favorece o desperdício da riqueza social. Santos propõe uma ecologia dos saberes que se materializa pelo diálogo entre o senso comum, o saber tradicional e ancestral e o saber científico.

Os saberes sobre as benzeduras são constituídos por diversos caminhos, ancorados na ancestralidade, núcleo familiar e comunitário, participação em encontros e eventos, como também nas práticas cotidianas dos atendimentos.

A afetividade nos acolhimentos, através do diálogo e da escuta sensível, educa e transmite saberes da tradição, ambientais e culturais, que configuram práticas ecopedagógicas e apontam uma saída para o futuro, que envolve o reconhecimento e a aprendizagem de valores ancestrais atualizados nos ofícios no tempo presente. Independentemente de ser um dom nato, o aprendiz da prática do bendizer deve entrar em contato com os saberes da tradição e aprender com outras/os benzedoras/res de forma particular ou coletiva.

O despertar do desejo pelo ofício passa pela experiência vivida em seus corpos, em íntima ligação com a natureza e o sagrado, que reflete na maneira de perceber a vida, em que o cuidado é central para se relacionar consigo, com os outros, com a natureza e o Cosmo, configurando práticas do bem viver. A reverência à Mãe Terra como geradora da vida que nos anima poderá recuperar o sentido de pertencimento do ser humano à natureza.

Assim, as narrativas sobre a trajetória formativa de Maria Bezerra e Ana Clara possibilitam abrir novos olhares sobre práticas de educação não escolar que contribuem para uma concepção alargada de educação ambiental, onde se possa aprender com humanos, não humanos e outros entes, como as plantas, rompendo um paradigma educacional fragmentado pela disciplinariedade apartada de outros saberes e estabelecendo um diálogo entre os saberes científicos e tradicionais, especialmente no que tange ao compartilhamento de saberes ambientais ancorados na subjetividade humana e do corpo-território.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AMORIM, Lara. Tradições resignificadas: modernidade e cultura popular em Brasília. In: *Áltera – Revista de Antropologia*. João Pessoa, v. 2, n. 3, 2016. p. 190-211.

ANDRADE, Adriane. *O Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.

ATTUCH, Iara Monteiro. Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Brasília: UnB, 2006.

AZEVEDO, Lucy Ferreira; BERTOLOTO, José Serafim; QUADROS, Imara Pizzato. A educação ambiental e o ritual sagrado do cururu de Mato Grosso. *Revista Monografias Ambientais – REMOA*. Santa Maria: UFSM, v. 14, 2015. p. 254-260.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. In: *Inclusão Social – Revista IBCTI*, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em 11 de março de 2024.

BOFF, Leonardo. Cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Carlos R. Sobre teias e tramas de aprender e ensinar: anotações a respeito de uma antropologia da educação. In: *Revista Inter-Ação*. Goiânia, v. 26, n. 1, 2007. p. 09-30.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10ª ed. São Paulo: Global, 2001.

CHOQUEHUANCA, David. *Geopolítica del vivir bien*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional, 2022.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra: ecopedagogia e educação sustentável. Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf>. Acesso em 11 de março de 2024.

GONÇALVES DA SILVA, Rosana. Elos ecopedagógicos entre a complexidade e a Carta da Terra: invenções criativas no cotidiano escolar. Tese (Doutorado em Educação). Brasília: UnB, 2016.

LEWITZKI, Taisa. A vida das benzedeiças: caminhos e movimentos. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.

LUZ, Alaine Alves da Silva *et al.* A benzedura como ofício tradicional do semiárido piauiense. In: Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 6, 2019, Fortaleza (CE). *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58078>. Acesso em 09 março de 2024.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. “O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral”: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

MORAES, Maria Cândida. *Paradigma educacional ecossistêmico: por uma nova ecologia da aprendizagem humana*. Rio de Janeiro: Wak, 2021.

QUINTANA, Alberto M. *A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: Edusc, 1999.

SANTOS, Francimário Vito dos. *O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SANTOS, Francimário Vito dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. *Revista CPC*. São Paulo, n. 8, 2009. p. 06-35.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SCHWALM, Fernanda U. Ecopedagogia em um clube de ciências com enfoque na educação ambiental: uma proposta de humanização e sensibilização ambiental. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

SIQUEIRA, Deis. Novas religiosidades na capital do Brasil. In: *Tempo Social*. USP, v. 14, n. 1, 2002. p. 177-197.

SOUSA, Ronald Felipe Barreto. “Pra curar tem que ter fé”: curandeiros, benzedeadas e rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva histórica. Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2013. Disponível em http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9359-10082014-221519.pdf. Acesso em 09 de março de 2016.

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 2, 2005. p. 251-264.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito, Equador: Abya-Yala, 2013. E-book, 2017. Disponível em <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/9386/1/Walsh%20C%20y%20Garcia%20J-Sobre%20pedagogias%20y%20siembras%20ancestrales-s.pdf>.

ABSTRACT

This paper aimed to reflect on the educational process about the traditional knowledge regarding the act of blessing nowadays. To do so, different forms of rescue, acquisition, and transmission of traditional knowledge are presented, along with eco-pedagogical processes of care in the blessing practice, which are articulated with literature on the ecology of knowledge, care ethics, and the Living Well philosophy. This paper results from bibliographic review, participatory research, and

semi-structured interviews with two female healers from the Escola de Almas Benzedoras of Brasília (Federal District, Brazil). Thus, possible convergences were identified between theoretical perspectives and practices present in the narratives of these women to understand how this knowledge was constituted in their lives and culminated in environmental education practices in eco-pedagogical bases favorable for the social, cultural, and environmental sustainability of the Cerrado biome.

Keywords: Healers; Traditional knowledge; Care eco-pedagogy; Cerrado biome.

Recebido em 08/04/2024

Aprovado para publicação em 03/06/2024